O show não começa

CELSO ARAÚJO
Editoria de Cultura

MILA PETRILLO

Francisco Rabelo, da Art Way: Sobrevivendo às impossibilidades

"Brasília é uma cidade sem representatividade. Quem manda é a burocracia e o favoritismo. Cansei dessa mistura de chá das cinco de comadres e espaço de influência para o usufruto de poucos". O desabafo é de um ex-produtor da cidade, hoje com um cargo estável de funcionário na Esplanada dos Ministérios. Em Brasília, qualquer atividade intelectual, criadora e comunitária está fadada ao fracasso, se não for carimbada pelos poucos pistolões ou recomendada por algum escalão superior do governo. Aliás, quando procurados para uma reportagem sobre isolamento cultural, artistas e produtores com mais poder de articular o pensamento, pedem isenção e até anonimato. É que em Brasília mais que qualquer outra cidade brasileira, tudo depende de manter as aparências, colaborando com as conveniências e bem-intencionada determinação dos grupinhos. Em casos como estes, só usando de subterfúgios.

Mas o que é que impede de Brasília ser uma cidade efervescente, dinâmica, impulsionada por eventos artístico-culturais? A falta de local é o problema número um. Embora sejamos a capital dos auditórios e dos espaços ao ar livre, somos também a capital dos espaços ociosos e dos projetos engavetados. Basta citar, sem nenhuma dificuldade, o projeto Cabeças, a melhor realização que já se deu no plano de eventos artísticos envolvendo a comunidade.

Mas vamos aos espaços. Para espetáculos de grande audiência, com lotação acima de 10 mil cabeças, só resta mesmo o Ginásio Presidente Médici. Mas o Ginásio está há quase um ano fechado, por determinação do Defer. O produtor que precisar de um espaço para 20 mil pessoas, vai esbarrar com uma determinação que impede o Ginásio de ser ocupado, a não ser quando for de interesse particular do governador. Por quê? Ora, há um ano o Ginásio Presidente Médici serve de grande ateliê para os trabalhos da artista plástica Mariana Peretti, que vem executando a instalação de vidros coloridos na Catedral. Peretti não poderia ter melhor local para executar o seu trabalho, encomendado por Oscar Niemeyer e José Aparecido. O último grande show que se realizou lá, há mais de quatro meses, foi de Chico Buarque e só pôde se realizar porque contou com o esforço do secretário de Cultura, D'Alembert Jaccoud. Elementar, meu caro Watson.

Dois shows que mobilizariam o público brasiliense nos próximos meses, o de Caetano Veloso e o de Lulu Santos, só poderiam ser programados para o Ginásio Presidente Médici. Mas como, se o Ginásio virou barracão de vitrais? E, depois, ainda tem a complicação de shows musicais que envolvam rock'n roll serem agora inteiramente indesejados por parte das autoridades de Brasília, bastante traumatizadas com o show da Legião Urbana, acontecimento nacional por causa da violência que desencadeou.

Um outro espaço nobre da cidade é a Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, ao que se sabe vedada para shows de música popular, mas aberta para o balé e a música erudita. Qualquer produtor que venha de São Paulo, do Rio, de Paris ou de Havana, vai se deparar com a impossibilidade de programar shows na Villa- Lobos. Vários eventos recentemente foram barrados, mas a Villa-Lobos passou ociosa a maior parte dos últimos meses. Basta averiguar no serviço de arrecadação da Fundação Cultural: 15 dias parados em maio, 20 dias parados em junho, 22 dias parados em julho. Assim, não há público que suporte tanto tédio.

Uma das únicas produtoras da cidade a sobreviver nesse mar de impossibilidades é a Artway, a mesma que há mais de um ano atrás perdeu um espaço excelente, o Circus Show, em frente ao ParkShopping, sob os mesmos pretextos já conhecidos. O Circus, enfim, foi derrubado pelos tratores, e hoje o espaço é apenas um amontoado de nada. Enquanto foi programado pela produtora, o Circus Show realizou espetáculos de primeira grandeza, e alguns até mesmo eram estréias internacionais no País. O outro circo que resta na cidade, o Gran Circo Lar, sobrevive sem verbas, sem administração, e um problema de acústica que afugenta tanto o público quanto o artista e seus produtores.

Assim, para shows e espetáculos acima de 5 mil pessoas, só restam os clubes locais, nem sempre recomendados por problemas de distância e instalações. Dessa maneira, torna-se uma tarefa infinita a enumeração dos espetáculos musicais, cênicos, brasileiros ou internacionais, que desistiram de vir à cidade até mesmo antes de qualquer sondagem. Tem fama e deita na cama: Brasília sempre foi conhecida como a cidade do vazio cultural e do tédio em matéria de lazer, diversão, turismo e cultura. De qualquer maneira, este semestre ainda, estão programados: Lulu Santos, Fagner, Roberto Carlos e Oswaldo Montenegro. A Artway, que programou Borghetti em Belo Horizonte, não pode trazê-lo a Brasília. O mesmo se deu recentemente com Gal Costa, que foi para Curitiba e escapou de vir parar nesta Ilha da Fantasia sem brilhos.

Donde se conclui: Brasília é a cidade mais cara e chata de fse produzir. As passagens são caras, os hotéis são caros, as taxas são diversas, a burocracia é ostensiva, os espaços pertencem às autoridades e o público é imprevisível, sem tradição e até "violento". É uma cidade que dorme cedo, deslocada em termos urbanos (centro aqui e satélites lá) e sem nenhum atrativo para quem conhece centros civilizados e pulsantes.